

QUARTA EXPOSIÇÃO INFANTIL

15 de dezembro de 1955

P R E F A ' C I O

de

M	M
U	E
R	N
I	D
L	E
O	S

Um dos traços característicos da cultura do nosso tempo é o enorme interesse despertado pelo encontro com as artes ditas arcaicas ou primitivas, que já se acham definitivamente incorporadas, em nobre relêvo, ao patrimônio cultural da humanidade.

Próximo a este fato, verifica-se uma crescente curiosidade pelas manifestações artísticas de crianças e adolescentes mentais. Quanto a estas últimas, sempre me pareceram mais válidas do ponto de vista científico: servem antes de mais nada como peças de investigação das complexas atividades do nosso inconsciente. Daí o grande número de estudos que lhes têm sido consagrados por médicos e psicanalistas.

Já as pinturas de crianças pertencem muitas vezes ao campo próprio da arte. A mostra de telas das crianças que seguem a lúcida orientação do pintor e professor Ivan Serpa vem reforçar esta opinião.

Pude constatar, quando da minha passagem pelo Ministério da Educação e em outras ocasiões, que muitas vocações artísticas ou literárias se perdem ou se desvirtuam devido em boa parte à má influência, bem como à não-influência dos professores.

No caso atual dá-se uma passagem do polo negativo para o positivo, porque Serpa consegue estimular a criança sem intervir demasiadamente no seu trabalho. A mudança do comportamento crítico do professor, baseada em tacto, descrição e juízo certo das operações do espírito infantil, provoca logo a mudança do comportamento do aluno em face da eclosão instintiva da obra de arte. Serpa centraliza a atenção do aluno na forma, deixando ao critério do mesmo a solução.

Não tive ocasião de ver as exposições anteriores, visto achar-me, à época, ausente do Brasil. Mas diante da exposição de hoje, penso que há algo mudado no setor da arte infantil. Diante destes documentos, noto que o lado feérico das pinturas de crianças não se perdeu, antes ganhou em substância e densidade, devido a estes fatos fundamentais - a pesquisa da forma por parte do aluno, e a sabedoria e finura de orientação por parte do professor.

Na mostra atual parece-me que as meninas destacam-se mais do que os meninos, se bem que alguns dentre estes apresentem também documentos muito interessantes. Minha atenção foi despertada momentaneamente por Maria Inez (7 anos), cujos tons de rosa n' "A Noiva" fariam inveja a Tarsila. Por Cecy (6 anos), autora de uma "Bailarina" e de uma "Palmeira", de azuis e verdes já pertencentes ao domínio da pintura. Pois que em Cecy a escolha da forma e da cor parece-me claramente afirmada. Em Vera Lucia (9 anos) os quadrinhos e as curvas indicam um senso precoce da composição. Mas todas as crianças expositoras são dignas de estudo.

Que se notem certos encontros aqui e ali, é evidente e normal. As crianças de hoje familiarizam-se não só com o cinema e a imprensa ilustrada, mas também com o cartaz e o livro de reproduções, e outras espécies de imagens que nos cercam por todos os lados. Em Maria Tereza (13 anos), por exemplo, notei uma provável sugestão de más cara africana. Outras incidências haveria ainda a registrar, ou, repito, simples encontros.

O que me parece primordial a assinalar 'e que, diante das manifestações de agora, a arte infantil amplia seu campo de ação e de incorpora ao vasto plano da cultura. Não poderá mais ser comentada com risos e gracejos.

Huizinga mostrou que o bicho humano, além de "homo sapiens" e "homo faber", é "homo ludens", um ser que brinca. E que brinca, não somente à toa, mas a sério. A exposição atual, feliz iniciativa do nosso Museu de Arte Moderna, comprova-o à saciedade.